

[Página inicial](#)[Sobre o CIMilho](#)[Outros centros](#)[Fale Conosco](#)[Área Restrita](#)

INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (82): Milho: importar é preciso, exportar não é preciso

01/07/2016 09:49:33

Rubens Augusto de Miranda

Pesquisador da área de economia agrícola da Embrapa Milho e Sorgo

Pegando o espírito deste título é curioso observar o misto de emoções e opiniões proporcionadas pela quantidade recorde de milho que vem sendo exportado pelo Brasil. É um tema delicado que envolve interesses muitas vezes opostos, e o que é desejável ou não para o país depende do ponto de vista.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), em 2015 foram exportados 28,9 milhões de toneladas de milho, superando os 26,6 milhões de toneladas de 2013, recorde histórico até então. É importante lembrar que a demanda externa aquecida no segundo semestre do ano passado, que foi responsável pelo recorde de vendas externas, sucedeu uma safra também recorde de 84,7 milhões de toneladas, nas estimativas da Conab. Ou seja, inicialmente os preços tinham tudo para despencar, mas com o impulso das exportações eles resolveram seguir o caminho oposto e escalar a montanha.

A lógica é simples, a demanda aumentou mais do que a oferta. O motivo? Ao contrário de 2012/13, quando faltou milho no mundo em decorrência das quebras de safra dos principais países produtores (com destaque para os Estados Unidos), o atual cenário de alta dos preços se deve a fatores exclusivos do Brasil. A depreciação cambial ocorrida na segunda metade de 2015 tornou o milho brasileiro barato, frente aos seus concorrentes, no mercado internacional. Em razão disso, somente entre julho e dezembro de 2015 foram remetidos 23,6 milhões de toneladas de cereal para o exterior.

O ano mudou e a demanda externa pelo milho brasileiro continuou aquecida. Tanto que nos primeiros cinco meses de 2016 já foram exportados 12,2 milhões de toneladas do cereal, o que é um valor muito superior aos 5,2 milhões de toneladas do respectivo período em 2015.

Se já não bastasse esse acréscimo da demanda nos primeiros meses do ano, em relação a 2015, a oferta do grão foi em sentido contrário e diminuiu. As últimas estimativas da Conab apontam para uma redução superior a oito milhões de toneladas de milho na safra 2015/16 em relação à anterior. Deste modo, com a redução da oferta e os estoques minguando, o milho desapareceu do mercado e os preços explodiram. Somente neste ano os preços médios da saca de 60 kg no Brasil já aumentaram 51% e se considerarmos os últimos 12 meses o aumento chega a 113%.

Ante esse cenário de preços altos sem precedentes, a mão invisível de Adam Smith começou a operar para reequilibrar a oferta e a demanda antes do que imaginávamos. A princípio, as altas cotações do milho atuais estimulariam o aumento da oferta na safra 2016/17, o que, supondo uma demanda pouco alterada, traria como resultado uma redução dos preços na próxima safra. Acontece que, na era da globalização, um ano é muito tempo. Um ajuste mais rápido não só é necessário como já começa a ser praticado.

O ponto de virada está relacionado ao fato de que os preços subiram demais. O milho brasileiro, antes "barato" pela depreciação cambial, agora está caro não apenas no mercado doméstico, mas também no

mercado internacional. O resultado pode ser a reversão dos fluxos de comércio exterior do cereal, com a diminuição das exportações e aumento das importações. Para ilustrar esse encarecimento do milho brasileiro frente aos concorrentes externos tomemos como exemplo as informações da Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS). No último mês de maio, a ACCS adquiriu um lote de 1.000 toneladas de milho do Paraguai pagando US\$ 160,00 a tonelada, enquanto internamente o cereal era ofertado à Associação por US\$ 267,00, o que é uma diferença substancial.

Muitos dos contratos de exportação pactuados no início do ano, com a evolução dos preços do milho, passaram a ser pouco vantajosos, estimulando a quebra contratual dos produtores junto às tradings que dominam a exportação deste cereal. Além disso, alguns produtores de dois dos estados mais afetados pelas condições climáticas, Mato Grosso e Goiás, podem não ter milho para cumprir os contratos de exportação.

Recentemente a aquisição de milho de outros países ganhou destaque com a eliminação temporária da taxa de importação de países de fora do Mercosul, para a qual vigorava uma alíquota de 8% até então. Isso importa pelo simples fato de que a disponibilidade interna de milho no segundo semestre pode melhorar não apenas via redução de exportações, mas também por intermédio do incremento das importações.

A eliminação das taxas de importação do milho não estimula a aquisição do cereal produzido pelos nossos vizinhos do Mercosul, pelo fato de o milho produzido por eles já não ser taxado pelo Brasil. A princípio, o grande beneficiado é o milho norte-americano. Isto, de certa forma, é mais uma ironia do destino, pois se o Brasil exportou milho para os EUA em 2013 (e continua exportando esporadicamente pequenas quantidades anuais), de forma similar a situação pode agora se inverter.

Cabe lembrar que a aquisição de milho de outros países pelo Brasil não é fato novo. Na verdade, é algo corriqueiro. A indústria aviária de Santa Catarina e do Paraná anualmente compra o milho mais barato do Paraguai. Analisando os dados disponibilizados pela SECEX, pode-se observar que nos últimos anos o país importou 907 mil toneladas de milho em 2013, 771 mil toneladas em 2014 e 369 mil em 2015. O Paraguai foi responsável por mais de 91% das importações em cada um desses três anos, chegando a 99% em 2014 e 2015. Internamente, os estados de Santa Catarina e Paraná adquiriram 89% do montante importado em 2013, e em 2014 e 2015 esse percentual chegou a 99%.

Em 2016, o perfil dos nossos fornecedores de milho se alterou. Entre janeiro e maio deste ano foram importadas 378,3 mil toneladas. Deste montante, apenas 176,2 mil toneladas são oriundas do Paraguai. A Argentina foi a nossa principal fornecedora, com 202 mil toneladas, e os Estados Unidos também estiveram presentes, com o valor irrisório de 19,5 toneladas importadas no mês de janeiro.

Ao mesmo tempo, internamente também surgiram novos importadores, além daqueles situados em Santa Catarina e Paraná. Nos cinco primeiros meses do ano, os estados do Nordeste importaram 112 mil toneladas de milho, que equivalem a 30% do total importado pelo Brasil até o momento. Dada a situação delicada do abastecimento do cereal na região Nordeste, e a sua posição estratégica em relação ao golfo do México, a tendência é que as importações dos EUA para o Nordeste aumentem. Segundo a consultoria Agroconsult, o Brasil deverá importar 2,5 milhões de toneladas em 2016, sendo a maior parte desse volume proveniente da Argentina e dos Estados Unidos.

Em resumo, primeiramente havia a expectativa de que a colheita de uma grande safra de inverno baixaria os preços do milho, com o aumento da disponibilidade interna. Os problemas climáticos na segunda safra de milho em importantes estados produtores frustraram as expectativas iniciais e agora espera-se que o reequilíbrio da oferta e demanda deva ocorrer via comércio exterior (diminuição das exportações e aumento das importações). Entretanto, tal ajuste, com as informações disponíveis até o momento, deve ser pequeno, e o milho continuará valorizado no decorrer de 2016. O verdadeiro ajuste deve ocorrer somente com a chegada da safra 2016/17 e até lá ... importar é preciso.

Guilherme Viana (MTb / MG 06566 JP)
Jornalista da Embrapa Milho e Sorgo
Tels: (31) 3027-1272 / (31) 9733-4373
gfviana@cnpms.embrapa.br

- INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (83): O retorno às Índias
- INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (81): Milho: Até tu, Clima?
- INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (80): Muito além do R\$ 1,99: o desafio chinês no mercado de milho
- INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (79): O bonde do milho sem freio

[Notícias anteriores...](#)